

Um cigarro que se fuma sozinho

“ Eu estou a ser bastante sincero, aliás estou no meu registo sério,

Até porque me preocupo contigo,

E não gosto de te ver entrar por esses caminhos de ódio próprio,

Entendo que não te sintas à vontade momentaneamente, mas pensa

Que podia ser pior como ter algo deste género”

Gregor Paiva sou eu. A história da minha vida. Mal saio do quarto. Tenho vergonha de falar com as pessoas e de me aproximar delas. Nojo – repulsa. Tudo.

Ontem, um sujeito que passava na rua abordou-me e sugeriu descaradamente o ato do coito, porém não sou homossexual, nem o faria numa daquelas bocas de diva suja. Por vezes, aponto para este tipo de temas nas conversas com alguém que desconheço fisicamente, mas que pelos vistos é alvo da minha preocupação: A Pervutzia. Honestamente, há dois anos para trás, aquando da nossa apresentação virtual, confesso que a sua miudeza me atrapalhava, tanto pelo facto de ela integrar uma adolescente sem nada na cabeça e, portanto, em construção, como pela terrível consciência da influência que viria a representar no seu espírito. Passo a citar a nosso percurso:

A pequenota Pervutzia completou os dezasseis aninhos durante as minhas crises de suicídio, banhada ela em lágrimas, eu em sangue. Nada na vida pode apagar tais memórias, tais dores, tal sofrimento. Recordo-me que um dia fui dar uma volta para me aliviar do peso descomunal que sempre sinto por cima do peito e, não acontecendo nada de importante referência, regresssei à casa onde os meus pais vivem. Lá estava ela à minha espera para mais uma confirmação de sobrevivência diária. Não em matéria, mas em bolinha verde. A vida é uma tristeza e eu passava-lhe isso. Então, imagino a sua posição como que reclinada sob o parapeito dos coelhos. Perguntou-me timidamente como se verificava o meu estado, ao que respondi com uma mensagem imensa, exultando a morte, putrificando a vida e, num instante, entranhei-lhe o bafo da desilusão. Não por mim mas por toda a esperança ou luz que possa existir no delírio da humanidade. Conte-lhe sobre os meus terrores de infância, da adolescência e culminava com a descrição da tentativa de automutilação do dia. Gostaria de

não o ter feito. Porém, não existe qualquer tipo de ressentimento que me assombre relativamente à miúda. Tenho outras personagens que me sosseguem a perversão, o sexo e os outros prazeres.

A chibata permanece na rede social quando saio e entro, antes e depois disso. Diria que me está a perseguir, mas na verdade é como se ela não existisse. A escuridão em que me encontro é de tal densidade que ofusca qualquer outra pequena intervenção.

Mostrei-lhe Violent Femmes e a sua reação foi louvável, pois normalmente a atmosfera sonora encobre as maiores das ereções e viris pensamentos dos representantes machos. Ela que era inocente, uma flor branca, sem cheiro ou sedução possível, tornou-se passível ao mundo da volúpia em três tempos, ou quatro, dependendo dos compassos musicais da obra geral. Tristeza. Depois vieram os Cure e Joy Division, The Smiths.

Já meses depois, entrei para a faculdade de letras e reiniciei a minha vida, com sucesso e sem sucesso, alternando-se assim à vontade do freguês. Enamorei-me da beleza que se pronunciava de Sofia e desisti de tudo o que me ligava à realidade virtual. Assim, sem um aviso ou um adeus, deixei para sempre, ou pelo menos assim o esperava, a doce e inocente Pervutzia. Encontrei a felicidade e acreditei no absolutismo do seu ideal. O amor era um novo universo dentro de mim enquanto a Sofia me preenchia todos os buracos e eu, claro, os dela. A nossa relação vista agora de frente e, portanto, em análise, resumiu-se a pouco mais de meia dúzia de atividades: Sexo, música sem gosto, risinhos, traições, insultos, repressões, baixa de autoestima. Ou seja, progressão nula. Além disso, a Sofia não era propriamente detentora da silhueta de Vénus. A sua fragrância rimava com as putas do rojão, verdade seja dita. Depois de terminarmos a porcaria a que se chamava relação, chorei dia e noite, voltei à depressão e entre uma coisa e outra, a amiga da princesinha da sabedoria vaga veio consolar o coração deste pobre rapaz. Obviamente que não foi melhor. Houve umas fodas e cortámos por aqui. Encolerizado, devo afirmar que nenhuma das duas me soube às delícias dos meus pensamentos femininos, ou sequer às cores e sensibilidades que os artistas retratam sob a sua visão numa tela de fumo. Nem sei se espero ou desespero, mas opto quase sempre pela última. Recentemente, iniciei a minha busca musical no meio da atmosfera progressiva com Genesis, Pink Floyd, King Crimson, ELP, entre outros que ganham cada vez mais sentido e admiração em toda aquela riqueza de timbres, alturas e ritmos, que improvisados, explorados, afinados sob afinações complexas, sob letras intimistas e profundamente reflexivas elevam o meu espírito para onde sempre deveria pertencer: o mundo isolado de carne e dor. As horas, o tempo é um tema recorrente que sob os sons concretos cria a solenidade de uma catedral, a

da vida em constante ruína, porém com serenidade e perseverança. A minha necessidade passa por isto, já que encontrei por fim o meu lugar entre os lunáticos, pois descobri que tenho uma doença mental que traz polos humorísticos muito distantes e, acima disso, uma maior propensão para os pensamentos deprimentes, desencorajados e desconexão com a realidade física. Sou odiado por todos, renegado e sempre assemelhado ao excremento mais amarelo e humano que é a merda. Digo-o com tristeza e não sem remorso por mim mesmo, por tudo aquilo que sou e me fui tornando. Mais uma vez fiquei com uma rapariga na mira, nem é gira, mas desde que me ame, aceito-a com todo o gosto nos meus braços. Vem do norte e traz um gosto muito pouco eclético. Cabelo escuro e unhas pretas, corpo bem assente e é tudo. Resolvi nesta altura voltar a criar a minha vida virtual para poder falar com ela por meio do facebook. Pus mãos à obra e fui também à procura dos meus afeiçoados de tempos passados, entre eles o amigo da Pervutzia e a mesma. Não tencionava voltar a falar com a menina, pois a paciência não se verificava muito acima do mínimo, além que a nova namorada com certeza não iria rejubilar de alegria. Horas e dias fugiram até que não resisti a quebrar a pedra. Enviei-lhe um pedido de amizade e logo a abordei, soube-lhe os votos de boas-vindas. Pareceu-me desinteressada, ou contida, receosa talvez. A surpresa deu asas à libertação e ambos compusemos a conversa em dia: ideias, música, arte, literatura, amores, aventuras, paixões divinizadas, objetivos, aprendizagens e, sobretudo, opiniões. Sin-to-ni-a. Encontrei uma maturidade diferente, o fruto, em processo de fruição, que eu próprio tinha semeado faz agora dois simples anos. Aquando desta situação, a minha vida mais sexual que amorosa terminou definitivamente, dando-me uma maior folga para as minhas atenções artísticas e críticas. Passados uns quatro meses, o Muss Tach, o amigo em comum com a Pervutzia, enviou-me uma carta, escrita por ela, onde expressa um belo pedaço daquilo que signifiquei e significo na sua vida, sendo pela indiferença, pela sua visão e até pela sua abertura aos outros. Passo a citar:

“Caríssimo Gregor,

24/3/2003

Aguardo uma resposta da carta última que te escrevi e não foi enviada, devido ao teu desaparecimento e a diversos outros fatores. Lá vão dois anos e não te censuro pela opção, pois também não fui completamente honesta contigo. Mas, agora sim, comprometo-me a contar-te tudo aquilo que deves saber e que da minha boca se recusa a sair.

Falar-te-ei em tons antigos e não estranhes nem te aborreças, pois provém do carácter das minhas leituras atuais.

Sobre os assuntos de reflexão, devo afirmá-los de índole musical.

Quase sempre, dia após dia, reconhecendo a falta de habilidade e ouvido, e esforço desmedido, parto para a triste ideia de deixar a pequena florzita flutuar num rio claro. Para que alguém com mais felicidade do que eu, lhe pegue e lhe faça justiça. Neste sentido, Gregor, acho que te confundes com ela, pois a meu ver, ambos foram gerados do mesmo ventre e, que por desconhecida instância ou certidão de nascimento, se amam desmesuradamente – os donos do relâmpago divino. Porém, meu caro, a música faz parte de mim e tu não. Com imensa pena, bloqueio sistematicamente tais pensamentos que me remetem para ti e sempre sem sucesso. Assim é desde aquele momento em que as tuas palavras tomaram minha alma, vendo eu, com olhos de humano, que é real o amor e é real a música, com todas as suas letras e expressões. Desde então, visto que passado pouco tempo te ausentaste, tomei pé firme na arte e roubei-te o seu esplendor, mal sabia eu do absurdo do caso. Adorei sobre qualquer precipício a magia do seu colorido, forma, ritmo, atmosfera, palavra, sentido, harmonia e desarmonia. Chorei e cantarolei as suas paixões, dramas e os de Wagner também, aturei Bach com o sacrifício do flautado sonoro, vibrei com a Sagração da Primavera de Stravinsky e cada obra ganhou sentido em mim, até passar em tons de suavidade para outro incansável amante. Nunca uma adversidade aqui aconteceu, apenas senti a pedra dura da nossa memória que sempre insiste em refazê-la como antigamente.

Pink Floyd, uma das tuas felizes sugestões, acompanha-me no decorrer do próximo discurso, para cada alteração sua causa.

Na verdade, escrevo aqui não com o objetivo de que lhe passes a vista, nem sequer que saibas da sua existência, mas na sua simples forma de alívio que resulta em mim. Assim como divagar, a escrita auxilia na organização e clarificação da mente, dos pensamentos, sentimentos e até emoções, que por vezes se veem transbordar. Contudo, deixemo-nos agora de rodeios, que o assunto agora o exige. Irei, portanto, iniciar uma dissecação ao caso para que o possas entender segundo a minha perspectiva.

Ora, pelo que me recordo, o contato contigo teve como ponto de partida uma conversa online, algures no ano de 2001. A cova escura em que te encontravas atraiu toda a minha atenção, além de que a tua inteligência, sendo um fardo para ti, era um bem extremamente eufórico para mim. Assim, tomaste lugar no meu espírito, pensamento, que sempre se recusou a minimizar-te; por isso, tornaste-te um alvo da minha veneração. Aprendi tanto e durante tanto tempo, que a tua ausência foi apenas um grande período de contínua e ofegante aprendizagem, num mundo de sobrevivência cruel. Agradeço-te, pois considero que foste tu quem cravou os grãos da crítica em mim, seja pela arte ou pela humanidade, que são

tudo o mesmo e se reúnem numa só divindade. Sei que, entretanto, surgiram momentos obscuríssimos relativos ao teu processo terreno, sem qualquer esperança nem futuro e, apesar de outra maneira menos intensa, penso que também o saboreei. Detestei o teu estado e recusava-me à aceitação dos factos, até que, não havendo solução possível, redimi-me às tuas tentativas de suicídio. Vi-me num choque tão brutal com tudo aquilo que tinha construído sobre a designação de realidade, que tive de me voltar a reconstruir, sem nada, absolutamente nada por debaixo que sustentasse os alicerces predefinidos pela moral. O suicídio passou a estatuto de direito humano e, em consequência, as pessoas deixaram de valer o antigo tesouro que nelas via. Porém, relativamente a ti, não posso negar que o coração me tenha aborrecido a valer, pois nunca quis que desaparecesses. Foi também nesta fase que iniciei a leitura, boa opção de facto, pois considerando a busca de respostas em que persistia, não pude encontrar melhor. Enquanto isto, vinha todos os dias ligar a internet, lenta que doía, para aguardar o momento em que chegasses e disseses – Estou vivo! – Porém, o que acontecia era que basicamente atiravas outra expressão horrenda – Sinto-me morto. – Continuando, assim eu, sempre e sempre na mesma cepa torta, ouvindo os teus lamentos, crises, amarguras, mas também piadas, comentários instrutivos, ironias, observações sobre o mundo, enfim, tudo. Por vezes vinhas e falavas, noutras nem te davas ao trabalho de me abordar, e é claro que isto se metaforizava numa punhalada, mas, vendo que lá estavas, deduzia que ainda não tinha sido hoje o dia da tua morte. O tique - taque dos timbres acontecia e desta forma se passavam as minhas tardes de verão.

Como sabes tenho dois amigos com a mais vasta beleza na sua função e, apesar dos seus grandes apoios, não aprouve aos meus pais senão uma ajuda especializada para a resolução do meu abatimento, a doutora Ana. Descobri quando cheguei ao seu consultório que me tinha acompanhado em situações anteriores. Através do enorme histórico do meu processo, contou-me a vida que personifiquei. Não me recordava do seu rosto ou expressão, mas de facto substituiu-te em muitos aspetos, ajudando-me a encontrar razões coerentes que te explicassem, contudo nunca apreendidas. Guardei-te rancor visando uma vida desconetada de ti. Além disso, aqui consegui arrumar assuntos pendentes que me assombravam ainda a memória, foram tardes e horas bem úteis que culminaram num lindíssimo adeus no final do meu primeiro recital público. O suporte foi-se e com ele vieram tempos difíceis, até já nem sabia o que me pesava mais, se a cruel hipótese do teu suicídio ou o profundo desamparo que me abraçavam.

De um modo, não digo que feliz, mas estável, durante o tempo em que desapareceste, criei na ideia que não fazia mal algum manter-te como personagem por dentro da imaginação,

uma voz constante que avalia e adquire a mais-valia de quase sempre concordar comigo. Assim que importava se fisicamente não tinhas um estado? A imagem que guardava de ti nunca se poderia concretizar no real e, por isso, gostava ainda mais do teu toque. Folgo agora em saber que estive muito tempo errada. Quando regressaste descobri o maravilhoso novo e com o qual era capaz de comunicar sem a afirmação da minha inferioridade, eras pois acessível. Devo contar-te que, primeiro, tive em surpresa o modo como vieste falar comigo, ou até mesmo o ato de que o querer fazer, pois sempre fui a mais nova, feiota, sem muito para dar, sem sal, mas que na realidade, graças a ti, alcançou o sabor de sonhar e o poder de o fazer acontecer.

Não volto agora às minhas tristezas a ponto de querer desembarcar de formas breves e violentas. Aprecio a vida, o sol, a música, a literatura, a genialidade, e, especialmente, a luz crítica e irónica que deixaste de emanar, caro amigo portuense!

Retomando ao mês em que voltaste a ativar conversa comigo e com o Faustino, devo confessar que me senti completamente insegura. O receio de agregares em ti o vigor avassalador de destruíres o meu mundinho, que tão custosamente fui construindo, intrigou-me. Agora como poderia eu resistir às tuas tentações? Pé ante pé, retomei o discurso e para minha surpresa tinha entre mãos, o Gregor Samsa sem maçã! Os abalos constantes já não predominavam, havia pela primeira vez uma fotografia de perfil, as amizades femininas cresciam e os gostos artísticos, musicais, cinematográficos e literários transpareciam um enorme gozo como locutor do ouvinte. Mergulhaste na onda do progressivo e numa mesma pranchada levaste-me contigo, digo-te – acertaste em cheio na escolha – pois, logo, criamos uma enorme empatia. Descortinei-a da vasta complexidade musical que engloba e vi-lhe os retratos de estruturas eruditas, harmonias e improvisações baseadas em antigos tratados da história da música ocidental, climas e virtuosismos dos nossos românticos, o casamento da luxúria com o povo. E o início que tomava a forma de um furacão de sentimentos vincou-se numa reflexão amada a Us and Them. Do meu ponto de vista momentâneo, nego qualquer dissemelhança que a tua matéria e este espírito partilhem.

Quanto à tua herança, gostaria mesmo que me fossem atribuídos todos aqueles objetos que em ti suscitaram algo mais que o vazio integral.

Sem mais assunto, despeço-me de ti.

Um adeus final se assim o vislumbrares.

Com carinho,

Pervutzia.”

Escusado será dizer que detestei a baba que se arrastava nisto, mas enfim... parece-me afinal que não cresceu tanto assim...

Detesto tal tipo de fluidez, é tão pegajoso e arrastado, demasiado refletor do estatuto de donzela, contudo, não deixo de me surpreender com o que aqui li. Nunca esperei que alguém desse pela minha presença no mundo, quanto mais nesta situação. Obviamente que não significará nada. Quer dizer... suspeitar já suspeitava e tentei puxar-lhe pela linha, mas a miúda não se desenrolou.

Logo, mais tarde, queimo isto no caixote metálico, não vá alguém descobrir esta vergonha... Porém agora é tempo de fantasiar com a minha bela, ironicamente falando, imaginação. Inicio logo as primeiras palavras que me ressoam depois da leitura da carta:

“ Em Viana as putas são fatela. Os cães movem-se como escumalha. Assim é o viver numa sociedade sempre adormecida. Mas quem mais alimentará os seus vícios senão o gangue maiato?

À entrada num dos merdosos bares da trilogia coutinha, levo com um bafo de fado. As cópias da Amália continuam a encobrir a puritania do gosto eclético nacional, poor boys... Nunca mal! Felizmente, é um arranjo rápido que nos trás ali. Peço e admiro o hediondo conteúdo daquela bebida amarela, que se assemelha, como nós sabemos, ao pus que escorre de um pénis doente. Uma porcaria de veneno este. A cerveja quer-se do continente bem purinha e vertida nas tetas de uma boa garina, ou duas e três. Exatamente neste momento de devaneio, dou uma olhadela lá fora, e vejo o Chibato que trata da apresentação da Dona Branca à comunidade dos putos ricos. Bem sabem eles que o amor tem um preço, assim como Deus – uns simples 60 pelo serviço mínimo. “

A inspiração vem do hip hop nigga que o Muss Tach tem enviado. Recentemente contou-me também que andava por lá um gangue, niggas revestidos de luxo e um deles com uma bengala magnífica. Não pude deixar de refletir no assunto até encontrar a figuração das personagens, tudo isto ainda mais motivado pela notícia que vi sobre o gangue a que chamam maia. Dizia esta então que vários indivíduos do agrupamento tinham sido condenados por diversos assaltos e por um homicídio. Fiquei absolutamente estupefacto, pois quem diria que Viana, um sitio tão pacato, viria a ser palco da manipulação destes tipos! Continuo o divagar bem devagar num sorriso imediato:

“O povo que preenche o espaço é o habitual, putos que largaram a mama há pouco tempo e por isso precisam de andar com o cabelo à esfregona, roupas de dona de casa ao sábado e olhos vidrados na constante esperança de um dia melhor no bergalinho de Portugal. Curiosamente, ou não, esta gente anda tão parva da vida que nem sequer repara no funcionamento da rede, que não o é, apenas cinco bro’s dos maia, e absolutamente, os ditadores do norte. Talvez até tenham consciência disso e, como boa plebe, lavam os olhos depois de um sonho bem esquecido. Assim seja para bem deles!”

Tenho mesmo de reconhecer que a Pervutzia nunca na vida iria imaginar tais palavras proferidas da minha boca. Adoro o poder de dominar, aqui o possuo!

“Deixando-me de divagações e Chivato rematando o assunto sodístico, saímos, oficialmente, rumo à selva do mundo. As putas um e dois esperam-nos no beco do Salgueiro, a zona dos “artistas” da bela ilusão. Na viagem de carro até lá, que é relativamente curta, o Jay-Z e o Juvenile dão palavras ao nosso sentido em *Snoopy Track*.

Fiquei por aqui.

O domínio do meu pensamento deixou de me pertencer agora, esqueci-me de ingerir a medicação e a Borderline não perdoa...

GUCCI BOYS, GUCCI GUCCI GUCCI GUCCI GUCCI GUCCI GUCCI

Ontem tomei para memória um sincero ato animalesco. Aliás, até de impossível relato. Imparcialmente, talvez não seja de todo um desvalorizar íntimo – integral.

A pele branca confundida pela textura do fumo verga-se em joelhos de elegância perante o excremento mais odioso que qualquer desnaturado pode proferir. Inserido de qualquer maneira, ou ao gosto do chef, num belíssimo prato de porcelana. A infeção de ser puro, angélico.

Naquele dia de cores esquecidas, Muss Tach deu com palavras, vocábulos que Young Macho aceitou consideravelmente. Apesar de retorquir e fazer ouvir linhas do seu real, não deixou que o quase nada desfalecesse, pelo menos se o fez foi em cadência putrefacta. Ou não. Depende dos pequenos diabos que dilatam os pólos, em que o meio é o meu, o meu silêncio. Agora, o tique taque gira-me ao contrário. O Muss Tach, com quem lanço uma conversação, disse que a Faixa de Gaza tivera sido bombardeada com a arte Banksyana. Em especial, destacava-se aos nossos olhos a pictural imagem da gatinha *american dream*, que sonhava com uma bolinha de brincar que tivera sido queimada antes que a pudesse ver. É

profundamente triste saber que esta é a fortuna das crianças que crescem na terra e ninguém reage, que humanidade é esta? Também eu nada fiz para impedir... As ruas não são as que nós conhecemos. Paredes levantadas e quebradas, com ferros e neles a ferrugem impregnada. Em todo lado, a crítica do herdeiro.

Melpomene de Metalicidade